

Empregos do pretérito imperfeito e ensino de português brasileiro como língua estrangeira

Uses of imperfect past tense and teaching of Brazilian Portuguese as a foreign language

Claudia Muriel Justiniano da Cruz¹

claudiamuriel1@hotmail.com

Universidade de Brasília

Orlene Lúcia de Saboia Carvalho¹

orlene.saboia@gmail.com

Universidade de Brasília

RESUMO – Neste artigo, analisamos o pretérito imperfeito (PI) do português brasileiro sob a ótica de estudos linguístico-descritivos, considerando as categorias verbais de tempo e de aspecto. Investigamos, ainda, os usos do PI elencados por livros de português brasileiro como língua estrangeira (PBLE). Segundo estudos sobre o pretérito imperfeito, há uma cisão entre suas características de tempo externo (categoria verbal de tempo) e de tempo interno (categoria verbal de aspecto). Este diz respeito ao fato de o PI não demonstrar o fim das ações narradas, e aquele diz respeito à evidência do tempo pretérito por meio do PI. No PI, os eventos narrados acontecem antes do momento da enunciação. Nas análises empreendidas neste estudo, verificamos que o PI está realmente relacionado com as duas categorias mencionadas e constatamos que esse tempo gramatical pode indicar quatro noções distintas: (i) habitualidade no passado; (ii) descrição no passado; (iii) situação passada que inclui um ou mais eventos; e (iv) situações que ocorreram concomitantemente. Ao observarmos materiais didáticos de PBLE, notamos que os empregos do PI por eles apontados são equivocados, não condizentes com a realidade. Nosso objetivo é oferecer reflexões que contribuam para a produção de materiais de PBLE.

Palavras-chave: Português brasileiro como língua estrangeira, pretérito imperfeito, tempo verbal, aspecto verbal.

ABSTRACT – This article analyzes the Imperfect Past Tense (*Pretérito Imperfeito* – PI) of Brazilian Portuguese language through a descriptive-linguistics view, considering the verbal categories of tenses and aspect. We inquire, as well, the uses of PI listed by Brazilian's Portuguese books as a foreign language (PBLE). According to studies about Imperfect Past Tense, there is a split between its characteristics of external (verbal tense category) and internal timing (aspect tense category). The last one concerns to the fact in which Imperfect Past Tense does not demonstrate an end of the narrated actions, as the other concerns to the evidence in which past tense is related to the verbal tense. During Imperfect Past Tense, the narrated events happen before the enunciation. In the undertaken analyzes at this study, it is possible to verify that the Imperfect Past Tense is in fact related to two different mentioned categories and it has been observed that this grammatical tense indicates four different meanings: (i) past regularity; (ii) past description; (iii) past situation which includes one or more events; (iv) situations which occurred concomitantly. As the PBLE textbooks have been observed, it has been noticed that the uses of Imperfect Past Tense are descriptively wrong, making no relation to the reality. The objective of this paper is to suggest reflections that contributes to the PBLE material production.

Keywords: Brazilian Portuguese as a second language, imperfect past tense, verbal tense, verbal aspect.

Introdução

No ensino de línguas estrangeiras, podemos identificar três abordagens principais, a saber: estruturalista, comunicativa e sociointeracionista. Segundo Richards e Rodgers (2001, p. 20, tradução nossa), a abordagem “se refere a teorias sobre a natureza da linguagem e da

aprendizagem de línguas, as quais servem como fonte de princípios e práticas no ensino de línguas”.

A abordagem estruturalista entende a língua como um sistema em que os elementos são observados em sua ordenação ou estrutura. Como principais características, podemos apontar: (i) o ensino de uma língua tem como ponto central a estrutura; (ii) a aprendizagem de uma lí-

¹ Universidade de Brasília. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. ICC Sul. Campus Universitário Darcy Ribeiro, 70970-900, Brasília, DF, Brasil.

gua requer a identificação de estruturas, sons ou palavras; (iii) o estudo de uma língua estrangeira é feito no nível da sentença; (iv) o contexto é deixado para segundo plano, podendo sequer ser mencionado.

Na abordagem comunicativa, o foco recai nas situações de uso da língua e nas habilidades comunicativas. Para que um aprendiz de língua estrangeira tenha eficácia em seus atos de comunicação, é necessário que apresente quatro habilidades: a compreensão oral, a produção oral, a compreensão escrita e a produção escrita. Nesse cenário, o esforço de contextualização é bem maior do que na abordagem estruturalista. Nos materiais didáticos, as atividades procuram inserir o aprendiz em contextos comunicativos diversos, baseando-se em ações do dia a dia como *convidar alguém*, *pedir algo*, *negar algo*, *apresentar alguém*, entre outras.

Já segundo a abordagem sociointeracionista, língua e sociedade são indissociáveis. Essa abordagem concebe a língua como um conjunto de práticas sociais, acrescentando assim aos conceitos apresentados pela abordagem comunicativa informações sobre os interlocutores, historicamente situados e a função por eles desempenhada em determinada situação. A abordagem sociointeracionista leva em consideração a “*estrutura + contexto informacional + interlocutores + função social*” (Carvalho e Lôpo-Ramos, 2009, p. 185). Passa-se, então, a trabalhar gêneros textuais em sala de aula, que não devem ser selecionados levando em consideração apenas seus aspectos gramaticais (Grannier, 2003).

No que concerne ao ensino de português brasileiro como língua estrangeira (PBLE), sobretudo nos materiais didáticos (MDs), é possível observar que entre os temas gramaticais abordados, há uma concentração nos paradigmas verbais, cujos exercícios, com frequência, são elaborados com base na abordagem estruturalista. Essas considerações podem ser comprovadas ao analisarmos alguns materiais didáticos.

A análise da unidade de apresentação do pretérito imperfeito em quatro obras de PBLE nos permitiu observar que: em *Novo Avenida Brasil – Volume 2* (Lima *et al.*, 2012), na lição 2, 30% dos exercícios e atividades estão relacionados ao paradigma de conjugação verbal;

Quadro 1. Atividade estrutural em *Novo Avenida Brasil*.
Chart 1. Structural activity in *Novo Avenida Brasil*.

Duas ações no passado, uma pontual e outra que dura. Pretérito imperfeito ou perfeito? Observe o exemplo e complete as frases.

As salas --- (estar) vazias quando nós --- (chegar).
Quando você me --- (chamar), eu --- (estar) ouvindo rádio.

Fonte: Lima *et al.* (2012, p. 16).

em *Falar... Ler... Escrever... Português* (Lima e Iunes, 2006, unidade 8), 66%; no livro *Bem-Vindo!* (Ponce *et al.*, 2004, unidade 3), 23%; e no *Terra Brasil* (Dell’Isolla e Almeida, 2008), na unidade 9, 28% são voltados aos tempos gramaticais.

Verificamos ainda que, nos MDs *Novo Avenida Brasil – Volume 2*, *Falar... Ler... Escrever... Português* e *Bem-Vindo!*, os exercícios relacionados ao padrão de conjugações do pretérito imperfeito são, em sua maioria, exercícios e atividades estruturais (Quadros 1, 2 e 3).

Esses exercícios não ultrapassam o nível da sentença e exigem que o aprendiz lide apenas com o aspecto formal do tempo verbal, sem qualquer reflexão semântico-discursiva. Eles levam o aprendiz a reproduzir o paradigma de conjugações dos verbos estudados com a finalidade de aprendizagem por meio da memorização. Os exercícios não propõem uma ponte entre o aspecto sistêmico e o funcional da língua, como fazem as atividades sociointeracionistas (Quadro 5).

Os materiais didáticos analisados também possuem algumas atividades comunicativas, como mostra o Quadro 4.

No exercício apresentado no Quadro 4, há uma maior preocupação com a contextualização, não estando o foco no sistema linguístico. Contudo, levando em consideração os apontamentos de Carvalho e Lôpo-Ramos (2009, p. 185), a atividade não situa o aprendiz em relação aos

Quadro 2. Atividade estrutural em *Falar... Ler... Escrever... Português*.

Chart 2. Structural activity in *Falar... Ler... Escrever... Português*.

Antigamente eu fumava muito.

(comprar) Antigamente eu --- tudo nesta loja.
(fumar) Antigamente ele não --- muito.

Fonte: Lima e Iunes (2006, p. 95).

Quadro 3. Atividade estrutural em *Bem-Vindo!*
Chart 3. Structural activity in *Bem-Vindo!*

Preencha os espaços com os verbos dados no presente, perfeito ou imperfeito.

Quando saímos de Petrolina, algumas coisas mudaram. Não havia mais tanta liberdade. Os estudos também --- (ser) difíceis. Josefa já --- (ter) oito anos. Que menina chata! [...].

Fonte: Ponce *et al.* (2004, p. 23).

Quadro 4. Atividade comunicativa em *Novo Avenida Brasil – Volume 3*.

Chart 4. Communicative activity in *Novo Avenida Brasil – Volume 3*.

Leiam as frases a seguir e imaginem a situação. Simulem alguns diálogos em que as respostas serão estas frases.

- Dou-lhe minha palavra que isso não vai acontecer de novo.
- Devolvo na semana que vem sem falta.
- Isso não vai ficar assim, pode estar certo
- Faremos o possível, eu lhe garanto.

Fonte: Lima *et al.* (2013, p. 42).

interlocutores e à função social a ser desempenhada. Como resultado, nota-se artificialidade no exercício proposto.

Entre as obras analisadas, *Terra Brasil* (Dell’Issolla e Almeida, 2008) se configura como o material didático de PBLE que traz mais exercícios e atividades variadas, desde os que partem da sentença, mais voltados à memorização de conjugações verbais, até os que procuram levar o aprendiz de PBLE a produzir diálogos e textos mais elaborados. Um exemplo de exercício em que a produção de texto escrito está devidamente situada em seu universo social se encontra na unidade 9 (Quadro 5).

No exercício apresentado no Quadro 5, percebemos que a proposta visa à produção final, já não havendo mais enfoque na estrutura. Notamos, ainda, que há a inserção das quatro premissas apontadas por Carvalho e Lôpo-Ramos (2009): (i) *a estrutura*: como mencionado, ela é inerente à língua, permitindo construções de textos; (ii) *o contexto interacional*: o exercício exibido requer interação entre o produtor e o(s) leitor(es) da resposta – apresentar uma resposta às indagações de Eduardo Refkalefsky; (iii) *os interlocutores*: quem escreve a resposta tem em mente um interlocutor específico, que é o produtor do texto a ser respondido, além dos leitores do jornal, ou seja, o enunciado do exercício posiciona o aprendiz em uma situação específica; e (iv) *uma função social*: o aprendiz deverá se portar como um sujeito que possui os conhecimentos necessários para explicar o porquê da diferença de velocidade nas duas vias, podendo ser um profissional no assunto, um servidor responsável pela matéria do jornal etc.

Após tais considerações, constatamos que os aspectos gramaticais da língua são muito trabalhados por meio da abordagem estruturalista. É o que nos exhibe os exercícios voltados ao pretérito imperfeito nos Quadros 1, 2 e 3.

No que diz respeito à escolha do tema deste trabalho, nossa proposta é analisar o pretérito imperfeito sob uma perspectiva semântica, verificando que empregos estão sendo a ele atribuídos nos materiais didáticos de PBLE. É claro que, a nosso ver, são aspectos fundamen-

Quadro 5. Atividade sociointeracionista em *Terra Brasil*.

Chart 5. Sociointeracionist activity in *Terra Brasil*.

Leia esta carta ao leitor. Com base em sua leitura escreva uma resposta ao autor dessa carta para ser publicada no mesmo jornal.

Limite de velocidade

Deixa eu ver se entendi. A velocidade máxima na Linha Vermelha é de 90 quilômetros por hora. Na ponte Rio-Niterói, 80. Por que a diferença? Medo que os motoristas atropelam algum peixe voador na ponte? Ou que o carro possa despencar na água? A única via expressa que tem um limite de velocidade inteligente é a linha Amarela: 110 quilômetros. E é a única a estabelecer limites diferenciados por faixas.

EDUARDO REFKALEFSKY

(por e-mail, 2/8), Rio

Fonte: Dell’Issolla e Almeida (2008, p. 209).

tais no processo de ensino-aprendizagem não somente *o* que é selecionado, mas também o modo *como* as questões gramaticais são abordadas. Uma leitura pormenorizada das questões de coerência metodológica, no entanto, fogem ao escopo desta pesquisa.

As categorias verbais de tempo e aspecto

Na prática como docentes e como pesquisadoras, reconhecemos a ausência de materiais que apontem aos aprendizes de PBLE empregos do pretérito imperfeito que venham a aproximá-los da realidade de uso do português brasileiro. Assim, com o intuito de contribuir para o aprimoramento das atividades de ensino, nos propomos a analisar os efetivos empregos do tempo gramatical pretérito imperfeito, elaborando uma sistematização pautada nos estudos linguístico-descritivos do português brasileiro propostos por Castilho (2010), Coroa (2005), Fiorin (2002) e Costa (2014).

Para analisarmos um tempo gramatical, é necessário compreender a semântica verbal. Na concepção de Castilho (2010, p. 414), os verbos compreendem quatro categorias semânticas, quais sejam: aspecto, tempo, voz e modo. Bagno (2011), com base em Castilho (2010), define as categorias apresentadas no Quadro 6.

Para este estudo, nos concentraremos nas duas primeiras: aspecto e tempo. De acordo com Castilho (2010), aspecto é a categoria verbal que evidencia os graus do desenvolvimento de um evento, e a categoria de tempo é aquela que situa o evento em uma das três perspectivas temporais conhecidas: o presente, o passado e o futuro.

Quadro 6. Propriedades semânticas do verbo.**Chart 6.** Semantic properties of the verb.

Categoria	Propriedades
Aspecto	expressa a <i>visão</i> que o falante tem do estado de coisas ² relatado.
Modo	expressa a <i>atitude</i> do falante com relação ao estado de coisas relatado.
Tempo	expressa o <i>momento</i> (real ou irreal) do estado de coisas relatado com respeito ao <i>momento da enunciação</i> (“agora”); é uma categoria <i>dêítica</i> .
Voz	expressa o papel dos <i>participantes</i> do estado de coisas relatado.

Fonte: Bagno (2011, p. 547).

Tomando a proposta de Comrie (2001) como base, Coroa (2005) argumenta que o tempo físico é representado no português por duas marcas gramaticais, o *tempus*, ou tempo gramatical, e o aspecto.

Dessa maneira, um evento narrado pode ser anterior, posterior ou simultâneo ao momento em que se fala, o agora. Assim, podemos entender que ele é uma categoria dêítica, uma vez que a interpretação do tempo gramatical (*tempus*) deve ser remetida à *dêixis*. Segundo Lyons (1979, p. 290), o termo *dêixis* se refere à localização e identificação de pessoas objetos, eventos sobre as quais se está falando, em relação a um contexto espaço-temporal que o ato de fala cria e sustenta.

Essa característica difere a categoria verbal de *tempus* da categoria verbal de aspecto. Este, por sua vez, evidencia o tempo interno da ação sem qualquer relação à situação de enunciação. Ao tomarmos a constituição temporal interna de um evento, apoiamo-nos apenas na fração de tempo compreendida entre o seu limite inicial e final.

Noções temporais e aspectuais do pretérito imperfeito

Coroa (2005), ao analisar os *tempora* de uma língua natural, recorre à teoria de Reichenbach (1947), o qual postula três construtos temporais: momento do evento, momento da fala e momento de referência (Quadro 7).

No âmbito do *tempus*, aplicando os construtos temporais de Reichenbach no pretérito imperfeito, temos o seguinte:

ME, MR – MF = pretérito imperfeito.

Nesse esquema, o travessão representa a precedência temporal, e a vírgula representa a simultaneidade temporal.

Quadro 7. Construtos temporais de Reichenbach.**Chart 7.** Reichenbach tenses' schema.

Momento do Evento (ME): é o momento em que se dá o evento (processo ou ação) descrito; é o tempo da predicação.

Momento da Fala (MF): é o momento da realização da fala; o momento em que se faz a enunciação sobre o evento (processo ou ação); é o tempo da comunicação.

Momento de Referência (MR): é o tempo da referência; o sistema temporal fixo com respeito ao qual se define simultaneidade e anterioridade; é a perspectiva do tempo relevante que o falante transmite ao ouvinte, para a contemplação do ME.

Fonte: Coroa (2005, p. 42) com base em Reichenbach (1947).

Logo, o momento do evento é simultâneo ao momento de referência, e ambos são anteriores ao momento da fala. Com esse tempo gramatical, o falante transmite uma ótica do evento a partir do próprio momento do evento e não de seu fim, “é o passado visto de um referencial também no passado” (Coroa, 2005, p. 53).

A coincidência do ME e do MR no imperfeito faz com que esse tempo gramatical tenha características que o assemelham ao tempo gramatical presente (ME, MF, MR). Assim, a habitualidade caracterizada pelo presente, quando deslocada para o passado, é indicada pelo pretérito imperfeito:

(1) Ruth trabalha na empresa de seu pai.

(2) Ruth trabalhava na empresa de seu pai.

A primeira sentença será verdadeira para todo o tempo em que o sujeito trabalhe na empresa, “independen-

² Valendo-se dos conceitos apresentados por Dik (1989 in Castilho, 2010), Castilho (2010) define o estado de coisas como uma entidade conceitual, com a concepção de algo real ou imaginário que pode ocorrer em um mundo.

temente da atividade que esteja tendo no exato e restrito momento da enunciação” (Coroa, 2005, p. 46). Essas informações também se aplicam à sentença (2), quando deslocamos o MR para um tempo pretérito. No contexto de vida passada de Ruth, a ação de trabalhar se configura como uma habitualidade.

Ademais, por ter o MR simultâneo ao ME, o pretérito imperfeito também serve de arcabouço temporal para a ocorrência de outro evento. É o que pode ser notado na sentença a seguir, em que o segundo evento, *o telefone tocou*, está temporalmente contido no primeiro (*Rennan estudava*).

(3) Rennan estudava física quando seu telefone tocou.

Já o aspecto se configura como a categoria que evidencia “a constituição temporal interna dos fatos enunciados. Essa referência independe do ponto-dêitico da enunciação, visto que centra o tempo no fato e não o fato no tempo” (Costa, 2014, p. 21). O aspecto verbal apresenta uma oposição binária, o perfectivo e o imperfectivo, os quais precisam as características de completude da ação. Travaglia (1985) argumenta que o aspecto verbal marca a duração da situação e/ou suas fases. Contudo, neste artigo, adotamos a concepção de Coroa (2005) e de Comrie (2001), pois eles defendem que o aspecto não dispõe de marca relevante de duração, e sim uma oposição de evento conclusivo ou não conclusivo. Assim, em uma ação completa, temos o perfectivo (evento conclusivo) e, em uma não completa, o imperfectivo (evento inconclusivo) é assinalado.

O pretérito imperfeito, por ter a noção de evento não conclusivo, porta o valor aspectual imperfectivo. Para esse tempo gramatical, é indispensável considerar o modo de ser da ação, que se refere à semântica do radical verbal, intrínseca ao verbo. O radical de um verbo se distingue de todos os outros por seu sentido próprio (Coroa, 2005). Dessa forma, se o lexema do verbo carrega em si o traço [+durativo]³, haverá a noção de cursividade na temporalidade interna do fato, se o lexema possuir o traço [-durativo], a interpretação de iteratividade será propiciada (Costa, 2014). Vejamos essa afirmação nas sentenças:

(4) Marta criava cabras em sua fazenda.

(5) Piscava para secar as lágrimas que teimavam em cair.

Em *criar* está o começo da ação, sua continuação e seu término. Não se pode dizer o mesmo de *piscar*, em que o começo e o fim da ação coincidem. Assim, as formas verbais *criava* e *piscava*, nos contextos em

questão, exprimem noção de cursividade e iteratividade, respectivamente.

A categoria verbal de aspecto, quando manifestada em verbos cujos limites do processo, ação ou estado não forem enfatizados, isto é, se não houver referência ao seu início ou final, leva o imperfectivo a expressar o aspecto imperfectivo, o que configura seu traço mais evidente, apontando para a principal diferença existente entre o pretérito imperfectivo (situação não conclusiva) e o pretérito perfeito (situação conclusiva), como podemos observar nas sentenças a seguir:

(6) A aluna falou sobre sua família para o professor.

(7) A aluna falava sobre sua família para o professor.

Na sentença (6), o evento foi concluído. O falante/ouvinte compreende o evento (*a menina falou*) em seu todo, tendo em mente o início e o fim da ação. Na sentença (7), o que ocorre é o oposto, a ação completa não pode ser percebida, não há noção de todo, mas, sim, e apenas, de um evento que ainda está em curso.

Outro ponto relevante para a categoria verbal de aspecto é a concepção de subevento. De acordo com Coroa (2005, p. 74), o imperfectivo, por ser inconclusivo, expressa o evento a partir de algum de seus pontos ainda em desenvolvimento. Dessa forma, em (7) não é possível afirmar que a fala da aluna estava em seu início, meio ou final. A ação de falar é, então, entendida a partir de um de seus subeventos.

Com base nas considerações tecidas, podemos elencar quatro usos do pretérito imperfectivo: (i) *habitualidade no passado*; (ii) *descrição no passado*; (iii) *situação no passado que inclui um ou mais eventos*; e (iv) *situações que ocorreram concomitantemente*.

No primeiro caso, o imperfectivo é tido como o tempo gramatical que exprime uma habitualidade no passado, mas não necessariamente uma rotina. Na concepção de habitualidade, a situação narrada se repete no passado:

(8) Lia obras de Clarisse Lispector para se acalmar.

O hábito de se fazer algo sempre do mesmo modo e mecanicamente configura uma rotina (*Dicionário Eletrônico Houaiss*, 2009). Para exprimir rotinas, os falantes servem-se de expressões iterativas⁴, como por exemplo: *todos os dias, sempre, às nove da manhã, etc.*

(9) Lia Clarisse Lispector sempre antes de dormir.

Já a descrição no passado está relacionada aos verbos de ligação, ou verbos copulativos, pois eles unem

³ Verbos com o traço [+durativo] indicam processos e não tendem a um fim, ou seja, são atélcos, como *viver, escrever, pensar, andar, dormir* etc. Verbos com o traço [-durativo] são télcos, tendem a um fim, a um desfecho, como *matar, morrer, cair, engolir* etc.

⁴ Advérbios ou expressões que podem quantificar o evento ou processo (Fiorin, 2002).

o predicativo ao sujeito (Borba, 1996). Os principais verbos copulativos são *ser*, *estar* e *ter*⁵. Quando estão no imperfeito, eles descrevem uma propriedade (estado, condição) localizada no e do sujeito. O falante situa seu ouvinte no momento da situação narrada, por meio do momento de referência, e este contempla a condição do sujeito à época do evento:

(10) Quando era adolescente, Marta tinha os cabelos ondulados e era muito alta.

Como dito anteriormente, a concomitância entre o momento do evento e o momento de referência, bem como o fato do imperfeito indicar a imperfectividade, permitem que este tempo gramatical crie um arcabouço temporal. O imperfeito permite estender um ponto temporal o quanto o falante desejar e inserir, neste espaço de tempo, outro(s) evento(s):

(11) Duas mulheres se despediram e seguiram por caminhos opostos. Uma criança chamou por sua mãe. O homem de terno correu – talvez estivesse atrasado para uma importante reunião. Era assim, Marcela acompanhava, pela janela, a correria do dia a dia.

Na sentença (11), os eventos conclusos (*despediram, seguiram, chamou, correu*) são inseridos em um evento “maior”, não concluso (*acompanhava*).

Segundo Ilari (2001), uma sequência de sentenças no imperfeito em uma narrativa pode sugerir que o momento de referência é o mesmo para todas. Por essa característica, o imperfeito pode transmitir a noção de concomitância de várias situações:

(12) Fazia sol. As crianças brincavam de roda. A mãe as observava.

Dessa forma, torna-se possível notar a principal diferença entre os pretéritos perfeito e imperfeito. Este tempo marca eventos conclusos, aquele, eventos inconclusos. Assim, uma sequência de eventos no perfeito expressa ações sucessivas e uma sequência de eventos no imperfeito sinaliza ações concomitantes (Fiorin, 2002).

Tratamento do pretérito imperfeito em materiais didáticos

Para este trabalho, foram selecionados os seguintes materiais didáticos de PBLE: *Novo Avenida Brasil-Volume 2* (Lima et al., 2012), *Terra Brasil* (Dell’Issolla e Almeida, 2008), *Bem-Vindo!* (Ponce et al., 2004) e *Falar... Ler... Escrever... Português* (Lima e Iunes, 2006). Trata-se de livros bastante utilizados e disponíveis no

mercado. Conforme mencionado, nosso propósito foi observar os empregos do pretérito imperfeito elencados por essas obras didáticas.

Em *Novo Avenida Brasil-Volume 2*, há quatro usos relacionados ao pretérito imperfeito: (1) rotinas no passado; (2) descrição no passado; (3) duas ações no passado (uma pontual e outra que dura); e (4) duas ações longas no passado. Em *Terra Brasil*, os empregos elencados são: (1) uma condição, uma descrição de um estado físico, mental, espiritual; (2) uma ação habitual que se repete no passado; (3) uma ação contínua (progressiva) no passado, principalmente se é interrompida por outra ação; e (4) horas do dia e expressão de tempo.

Comparando essas informações com o que foi descrito neste trabalho, é possível desenvolver algumas considerações.

Primeiramente, as “rotinas no passado” (*Novo Avenida Brasil – Volume 2 – NAB2*) e “uma ação habitual que se repete no passado” (*Terra Brasil – TB*) estão relacionadas à marca de *habitualidade no passado*, o que exemplificado com as sentenças a seguir:

(13) Quando eu era criança, passava as férias na fazenda (NAB2, p. 15).

(14) Quando ele morava no Rio, ia à praia todos os dias (NAB2, p. 15).

(15) Toda 6ª-feira, nós saíamos do trabalho e íamos tomar cerveja (NAB2, p. 15).

(16) Eles sempre dormiam tarde, por isso chegavam atrasados (NAB2, p. 15).

(17) Antigamente, ela recebia minhas cartas, mas não as lia (NAB2, p. 15).

(18) O senhor machista batia na mulher todos os dias (TB, p. 204).

(19) Antes fumava muito (TB, p. 204).

Nessas sentenças, percebemos que se trata de ações habituais, mas não necessariamente de rotinas – as rotinas fazem parte das ações habituais, conforme já apontamos. Nas sentenças (14), (15), (16) e (18), a habitualidade, expressa pelo pretérito imperfeito, é convertida em rotina por meio de expressões iterativas como *todos os dias*, *toda sexta-feira* e *sempre*. São, portanto, essas expressões iterativas que efetivamente expressam uma rotina.

Os verbos *ir*, *sair*, *bater*, *fumar*, por terem o traço [-durativo], quando conjugados no pretérito imperfeito, expressam uma iteratividade de ações que são englobadas em um espaço temporal definido. Nas sentenças (13), (14), (17) e (19), podemos vislumbrar essa questão com as expressões *quando ele morava no rio*, *antigamente*, *quando eu era criança*, *antes*, que definem o tempo de referência do(s) evento(s) narrado(s) e abarcam, respectivamente, uma série de idas à praia, de recebimento de cartas, de férias na fazenda e de ações de fumar. A iteratividade

⁵ De acordo com Benveniste (1976, p. 217), o verbo *ter* também caracteriza estado: “Ser é o estado do sendo, daquele que é alguma coisa; *ter* é o estado do tendo, daquele de quem alguma coisa é”.

é uma das noções exprimidas pelo imperfeito, contudo, enfatizamos que essa não é característica da categoria verbal de aspecto do imperfeito, e, sim, do modo de ser da ação do verbo.

Quanto à “descrição no passado” (NAB2) e a “uma condição, uma descrição de um estado físico, mental, espiritual” (TB), as duas possibilidades estão relacionadas a *descrições no passado*. Se observarmos as sentenças a seguir, perceberemos que, na narrativa (sentença 20) e nas sentenças (21), (22) e (23), o narrador leva o ouvinte a contemplar os estados das coisas e das pessoas no momento do acontecimento. É o MR simultâneo ao ME:

(20) Ele entrou na sala. As janelas estavam fechadas e a sala estava escura. O silêncio era total. Ele abriu o cofre. Estava vazio. O dinheiro não estava mais lá. Ele chamou a polícia (NAB2, p. 16).

(21) O cachorro da artista usava roupa de luxo (TB, p. 204).

(22) A sopa estava quente (TB, p. 204).

(23) Ela parecia deprimida (TB, p. 204).

Na sentença (20), as janelas, a sala e o cofre são descritos da forma como se encontravam: as janelas fechadas, a sala escura e o cofre vazio. A primeira e última oração desse exemplo, com os verbos no pretérito perfeito, delimitam o espaço de referência, o intervalo de tempo em que a descrição ocorre.

A característica de servir para descrições se liga à categoria de *tempus* e aspecto simultaneamente, pois o pretérito imperfeito é usado pelo falante para levar o ouvinte ao momento do evento narrado, que passa a ser observado como um evento não conclusivo. O mesmo vale para exprimir o estado de algo/alguém, os quais são observados no momento em que o narrador situa o ouvinte. É o que se pode atentar nas sentenças (21), (22) e (23): *o cachorro usando roupa de luxo; a sopa ainda quente e a mulher ainda deprimida*. Em nenhum dos exemplos utilizados no material didático, há conhecimento de quando os fatos narrados ocorreram, mas eles são narrados/descritos/observados em seu acontecimento, uma vez que não há noção de mudança de estado, tal qual a sopa fria e a mulher não mais deprimida.

Por seu turno, a indicação de “duas ações no passado (uma pontual e outra que dura)”, encontrado em NAB2, e de “uma ação contínua (progressiva) no passado, principalmente se é interrompida por outra ação”, conforme explicitado em TB, são ilustrados com as sentenças a seguir:

(24) As salas estavam vazias quando nós chegamos (NAB2, p. 16).

(25) Quando você me chamou, eu estava ouvindo rádio (NAB2, p. 16).

(26) Estavam brigando quando o chefe chegou (TB, p. 205).

(27) Estavam dançando agarradinhos quando o noivo dela apareceu (TB, p. 205).

As sentenças (24), (25), (26) e (27) estão relacionadas ao fato de o pretérito imperfeito poder indicar uma

situação passada que inclui um ou mais eventos. Essa característica é explicitada porque o referido tempo gramatical tem o MR simultâneo ao ME e marca o aspecto imperfectivo, fatores que permitem criar um arcabouço temporal abarcando, caso seja da vontade do falante, outros eventos não conclusos. Acrescentamos, ainda, não haver limites de eventos que podem ser inseridos dentro do espaço de tempo ora criado. Deve-se, também, ter em mente que este emprego do pretérito imperfeito não se configura como uma ação contínua ou progressiva, mas sim como uma ação não conclusa (Coroa, 2005, p. 73).

Ainda relacionada a essa característica do pretérito imperfeito, acrescentamos a referência a “horas do dia e expressão de tempo”, exemplificada em *Terra Brasil*:

(28) Eram três horas da tarde (TB, p. 205).

(29) Era o ano de 1935 (TB, p. 205).

Aqui, as formas verbais *era* e *eram* situam o falante no momento do evento. Pelo fato de o imperfeito possuir aspecto imperfectivo, ele permite que outras situações (tanto conclusas quanto não conclusas) sejam incluídas no espaço de tempo que fora criado. Quando fazemos referência a horas do dia e a anos, costumamos acrescentar informações e, por tal motivo, essas expressões podem ser consideradas arcabouços temporais de outras informações, sejam elas eventos, ações ou estado de algo/alguém.

O material didático *Novo Avenida Brasil – Volume 2* apresenta um último uso do imperfeito, o de “duas ações longas no passado”. Na verdade, trata-se de *situações que ocorreram concomitantemente*. As seguintes sentenças são utilizadas como exemplos:

(30) Enquanto ela cuidava das crianças, ele lavava os pratos (NAB2, p. 16).

(31) Ela cuidava das crianças enquanto ele lavava os pratos (NAB2, p. 16).

O aspecto imperfectivo permite expressar situações que ocorreram num mesmo intervalo de tempo, não se referindo a ações longas, mas, sim, a ações não conclusas. Também não se restringe a duas ações, mas a tantas quantas forem necessárias ao propósito do falante. No *Novo Avenida Brasil – Volume 2*, essa qualidade é apresentada em sentenças ligadas, principalmente, pela conjunção *enquanto*. Entretanto, a concomitância de eventos não é caracterizada exclusivamente por tal conjunção, ela apenas reforça a simultaneidade dos eventos, ligando situações expressadas no imperfeito. Pode-se, precisamente, estabelecer outras relações lógico-discursivas nas orações por meio de conectivos como *e*, *mas*, etc.

Até este momento, analisamos materiais didáticos que procuraram apresentar a variedade semântica do pretérito imperfeito, mesmo que algumas das informações estejam um tanto equivocadas – como o fato de o *Novo Avenida Brasil – Volume 2* se referir a eventos progressivos, e o

Terra Brasil a eventos contínuos, ou progressivos, enquanto argumentamos que se trata de eventos não conclusos. De toda forma, esse equívoco não acarreta impossibilidade no ensino do imperfeito aos aprendizes de PBLE.

Já o material didático *Falar... Ler... Escrever... Português* (FLEP) associa o imperfeito ao que ele denomina “situações” – que, na verdade, consistem tão somente nas seguintes sentenças:

- (32) Antigamente eu fumava muito. Hoje fumo menos (FLEP, p. 94).
- (33) Ontem eu fui à cidade. O trânsito estava um horror (FLEP, p. 94).
- (34) Ela estava dormindo, quando ele chegou (FLEP, p. 94).
- (35) Enquanto ele via televisão, ela cantava (FLEP, p. 94).
- (36) Eu ia protestar, mas não tive chance (FLEP, p. 94).
- (37) Ontem, toda vez que o telefone tocava, eu pensava que era você (FLEP, p. 94).

Entre as situações expostas, constatamos que a sentença (36) se apresenta como informação nova. Ele está associado ao pretérito imperfeito no lugar do futuro do pretérito como uma ação que não pôde ser concluída. Caso a sentença em (36) fosse expressada de outra maneira, como em *Se eu tivesse chance, eu protestaria* ou em sua variante *Se eu tivesse chance, eu protestava*, revelaria que a ação de protestar está condicionada ao fato de se ter a chance de fazê-lo. Tem razão Travaglia (1985, p. 169-170), ao afirmar que, apesar das possibilidades de expressão de aspecto, o imperfeito, ao ser usado em lugar do futuro do pretérito para expressar uma situação que seria consequência de outra que não ocorreu, não atualiza a categoria de aspecto.

Trata-se de fenômeno antigo no português brasileiro, conforme comprova Ali, em sua gramática da língua portuguesa, ao afirmar que

na linguagem familiar do português hodierno costuma-se substituir ao futuro do pretérito o imperfeito do indicativo: se eu pudesse andava mais depressa. Vem de longe este falar vulgar, chegando a ser aceito na linguagem escrita (1964, p. 336).

Essa variação continua bastante presente, sendo citada por gramáticos como Cunha e Cintra (2008), Bechara (2009) e Castilho (2010), o que revela sua relevância para o contexto de ensino de PBLE.

A discussão aqui empreendida entra no campo da variação linguística existente entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito para a expressão de hipótese ou possibilidade⁶. Nos materiais de PBLE, a permuta entre os dois tempos gramaticais, quando abordada, não expõe como, quando e em que circunstâncias é possível substituir um tempo gramatical pelo outro.

Bem-Vindo! foi o último material didático analisado. Ele se situa no polo antagônico ao dos materiais didáticos anteriores porque não há menção à diversidade de empregos do pretérito imperfeito. Essas informações não são apresentadas aos aprendizes nem aos professores, no manual do professor. Contudo, elas devem ser trabalhadas, já que o material de apoio diz, em alguns momentos, para reforçar e encorajar o uso deste tempo gramatical. Ou seja, tal informação deve partir de algum lugar e, como o material não a traz, pressupomos que cabe ao professor essa tarefa.

No livro *Bem-Vindo!*, verificamos, ainda, que há um enfoque exagerado no imperfeito para exprimir habitualidade. Constatamos, também, que há poucos exemplos do imperfeito que diferem da habitualidade, mostrando, dessa forma, que os dados linguísticos foram filtrados para que apenas uma possibilidade do pretérito imperfeito fosse evidenciada.

Por fim, no que diz respeito aos exercícios utilizados para a produção voltada ao imperfeito, a maioria de atividades e exercícios propostos envolve a mera aplicação das regras gramaticais, ou seja, são estruturalistas. Os ensinamentos dessa abordagem, embora muito criticados, continuam vivos, uma vez que os materiais didáticos de PBLE mantêm propostas de natureza mecânica. Nesse panorama, encontramos raramente exercícios gramaticais ou atividades que se mostram mais contextualizados. De toda forma, ainda é essencial que a quantidade e a qualidade de atividades comunicativas e socionteracionistas sejam crescentes, para que o ensino de PBLE consista em experimentar a língua em situações mais próximas à realidade, sobretudo, em situações, pessoas e assuntos pertencentes a diversas áreas do conhecimento.

Considerações finais

Neste artigo, analisamos o pretérito imperfeito (PI) do português brasileiro sob a ótica de estudos linguístico-descriptivos, considerando as categorias verbais de tempo e de aspecto. Nosso objetivo é auxiliar professores no ensino de PBLE e na produção de material didático para o público estrangeiro. Com base, sobretudo, nos estudos de Coroa (2005), propusemos quatro empregos do pretérito imperfeito: (i) habitualidade no passado; (ii) descrição no passado; (iii) situação passada que inclui um ou mais eventos; e (iv) situações que ocorreram concomitantemente.

Ao analisar os materiais didáticos *Bem-Vindo!* (2004), *Novo Avenida Brasil – Volume 2* (2012), *Terra Brasil* (2008) e *Falar... Ler... Escrever... Português* (2006), nossos resultados revelaram que eles se esforçam por apresentar os diferentes empregos do imperfeito, contudo,

⁶ Mesmo não sendo o foco deste trabalho, vale mencionar que, no português brasileiro, o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito também são variantes em estruturas que expressam solicitação (Rebello, 2014, p. 1138), como em *Você podia fechar a porta, por favor/ Você poderia fechar a porta, por favor*.

há explicitações equivocadas, sem a devida contextualização. Temos como exemplo o imperfeito sendo associado a eventos progressivos, enquanto defendemos, neste trabalho, que o pretérito imperfeito atualiza o aspecto imperfectivo e aponta para eventos, ações ou estados não conclusos. Também encontramos em *Falar... Ler... Escrever... Português* o imperfeito no lugar do futuro do pretérito como uma ação que não pôde ser concluída. Nesse contexto, não ocorre a atualização da categoria desse aspecto, mas, por se tratar de conteúdo relevante, que precisa ser ensinado, deveria aparecer em um momento posterior, como variação do futuro do pretérito.

Os fatos apresentados não inviabilizam os materiais didáticos que analisamos, apesar do excesso de atividades estruturalistas, mas nos levam à conscientização de que é preciso repensar formas de se trabalhar os tempos gramaticais do português brasileiro considerando os usos reais do pretérito imperfeito, devidamente contextualizados. Essa perspectiva é defendida pela abordagem sociointeracionista no ensino de línguas, a qual rege um ensino que ultrapassa as questões linguísticas formais.

Por fim, temos consciência da importância da produção de futuras pesquisas sobre a categoria de aspecto verbal que envolvam o pretérito imperfeito, em uma perspectiva aplicada, como a nossa, nos planos semântico-sintático, semântico-lexical e textual-discursivo, bem como em estudos relativos ao confronto de tempos verbais em português e em línguas outras. Estudos contrastivos permitiriam um direcionamento pedagógico a um público-alvo específico, o que possibilitaria ensinar o pretérito imperfeito por meio de uma comparação com a língua-alvo do aprendiz.

Referências

- ALI, M.S. 1964. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3ª ed., São Paulo, Edições Melhoramentos, 375 p.
- BAGNO, M. 2011. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo, Parábola Editorial, 1053 p.
- BENVENISTE, E. 1976. *Problemas de linguística geral*. São Paulo, Nacional.
- BORBA, F.S. 1996. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo, Editora Ática S.A., 199 p.
- BECHARA, E. 2009. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 671 p.
- CARVALHO, O. L. de S.; LÔPO-RAMOS, A. A. 2009. Da neutralização à contextualização oral e escrita: os livros de português para estrangeiros. In: C.M. GOMES, *Língua e literatura: propostas de ensino*. São Cristóvão, Editora UFS, p. 178-188.
- CASTILHO, A.T. de. 2010. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo, Contexto, 768 p.
- COMRIE, B. 2001. *Aspect an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge, Cambridge University Press, 142 p.
- COROA, M.L.M.S. 2005. *O tempo nos verbos do português*. São Paulo, Parábola Editorial.
- COSTA, S.B.B. 2014. *O aspecto em português*. 3ª ed., São Paulo, Contexto, 102 p.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. 2008. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Lexikon, 760 p.
- DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2009. Rio de Janeiro, Objetiva. CD-ROM.
- DELL'ISOLLA, P.R.L.; ALMEIDA, M.J.A. 2008. *Terra Brasil: curso de língua e cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 320 p.
- FIORIN, J.L. 2002. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo, Ática, 318 p.
- GRANNIER, D.M. 2003. O onde e o como da sistematização gramatical no ensino de português como língua estrangeira. In: E. GARTNER; M.J. HERHUTH; N.N. SOMMER, *Contribuições Para a Didática do Português Língua Estrangeira*, Frankfurt, Alemanha, v. 1, 156-171 p.
- ILARI, R. 2001. *A expressão do tempo em português*. São Paulo, Contexto, 85 p.
- LIMA, E.E.O.F.; ROHRMANN, L.; ISHIHARA, T.; IUNES, S.A.; BERGWEILER, C.G. 2012. *Novo Avenida Brasil 2: Curso Básico de Português para Estrangeiros*. São Paulo, EPU, 170 p.
- LIMA, E.E.O.F.; ROHRMANN, L.; ISHIHARA, T.; IUNES, S.A.; BERGWEILER, C.G. 2013. *Novo Avenida Brasil 3: Curso Básico de Português para Estrangeiros*. São Paulo, EPU, 161 p.
- LIMA, E.E.O.F.; IUNES, S.A. 2006. *Falar... Ler... Escrever... Português – Um curso para estrangeiros*. São Paulo, EPU, 200 p.
- LYONS, J. 1979. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo, Nacional/Ed. da Universidade de São Paulo, 545 p.
- PONCE, M.H.; BURIM, S.A.; FLORISSI, S. 2004. *Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação*. 6ª ed., São Paulo, Special Books Service, 223 p.
- REBELLO, A.L. do P. 2014. Estruturas de solicitação no português do Brasil. *Revista Philologus*, 20(60 Supl. 1):1138-1148.
- REICHENBACH, H. 1947. *Elements of Symbolic Logic*. New York, Free Press, 444 p.
- RICHARDS, J.C.; RODGERS, T.S. 2001. *Approaches and methods in language teaching*. 2ª ed., New York, Cambridge University Press, 270 p. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511667305>
- TRAVAGLIA, L. 1985. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia, Editora UFU, 352 p.

Submetido: 02/03/2017

Aceito: 14/01/2018